

Copa do Mundo no Brasil: um espaço para a criação de neologismos

World Cup in Brazil: a space for neologisms creation

Benilde Socreppa Schultz*

Márcia Sipavicius Seide**

RESUMO: O léxico de uma língua pode ser considerado como o retrato de uma sociedade em seus diversos níveis de manifestação, pois é através das unidades lexicais que são representadas as mais variadas situações sociais e culturais. A realização de um evento nas proporções da Copa do Mundo no Brasil é um espaço que se configura ideal para a criação de itens lexicais novos e lúdicos. Para Alves (2014), o aspecto lúdico na criação de neologismos está presente em todos os gêneros discursivos, como o humorístico, o literário, o publicitário e o jornalístico. Para este artigo, coletamos, durante o mês da realização da Copa do Mundo de 2014, os neologismos presentes em três revistas e jornais on-line: *Globo Esporte*, *Revista Veja* e *Gazeta do Povo*. A análise dos dados mostrou que esse grande evento deu vazão a uma explosão de novas palavras e novas significações para cuja identificação a utilização de informação lexicográfica como critério não foi suficiente, sendo recomendada a adoção de critérios adicionais para tornar a análise mais precisa.

PALAVRAS-CHAVE: Neologismos. Aspectos lúdicos. Copa do Mundo.

ABSTRACT: The lexicon of a language can be regarded as the portrait of a society at its various levels of manifestation, due to the fact that it is by its lexical units that the most diverse social and cultural situations are represented. The realization of an event such as the World Cup in Brazil create an ideal space for the creation of new and entertaining lexical items. As Alves (2014) shows, the entertaining aspect of creating neologisms is present in all speech genres such as comedy, literary, journalistic and advertising. The research presented in this paper was based on a collection of neologisms created during the month of hosting the World Cup in 2014 in three magazines and online newspapers, namely, *Globo Esporte*, *Revista Veja* and *Gazeta do Povo*. The data analysis shows that this great event motivated an explosion of words and new meanings. For its identification, the use of lexicographic information was not a sufficient criterion, so that additional criteria were used in order to promote a more accurate analysis.

KEYWORDS: Neologisms. Entertaining aspects. World Cup.

* Doutora, professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Campus de Cascavel.

** Doutora, professora da Unioeste, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras do campus de Cascavel e do Colegiado de Letras do Campus de Marechal Cândido Rondon.

1. Introdução

Nos últimos anos, o veículo de comunicação por excelência tornou-se a internet: ela está presente na vida de muitos brasileiros, os quais, com seus computadores, *notebooks*, *tablets* e telefones, têm acesso imediato às informações presentes nos blogs, nos jornais, nas revistas on-line veiculadas em tempo real. Além da informação, podem, ao mesmo tempo, interagir e trocar informações com conhecidos e desconhecidos. A Web é prática e econômica, de acesso fácil e instantâneo, é o lugar onde as notícias literalmente “voam”, e é também uma caixa de surpresas, uma moderna caixa de Pandora onde todos os dias nos deparamos com novidades, às vezes boas, outras não tanto. Com tantas possibilidades de leitura e escritura, a Web é, sobretudo, o espaço das palavras, o lugar onde elas nascem, onde vivem e também onde morrem. Na internet, a palavra é como uma borboleta, que voa, dá o seu show multicolorido, marcando sua presença nesse cenário incrível de possibilidades de criações. Campos nos diz que

A nova palavra criada é bailarina e desliza sobre a página branca do papel, executando malabarismos de toda ordem: sintáticos e semânticos. Manipulada com mestria, assume a forma pretendida pelo talento do autor, submetendo-se docilmente e gerando as variações infinitas do jogo verbal que encanta e seduz: natural e neológica como a própria criança (2012, p. 2).

Nessas imagens, nos vêm à mente os jogos infantis: quem nunca correu atrás de uma borboleta, tentando agarrá-la, tentando apreender a sua beleza? A ludicidade presente nessas representações se encontra também na escrita dos meios midiáticos, onde a rapidez de informação e a necessidade de impacto visual e auditivo são o motor de impulsão que movimenta o fazer linguístico desses artífices da palavra. Na mídia, os recursos utilizados para a criação de

unidades lexicais neológicas não raramente surgem da improvisação e da emoção do momento. Quer sejam criadas pela vontade do autor, quer surjam de uma habilidade linguística momentânea, é fato irrelevante, mas se trata, segundo Migliorini (2003), de uma língua às margens da própria língua, pois, como na linguagem da publicidade, também os neologismos da linguagem jornalística são quase sempre desprovidos de durabilidade, apesar de serem coerentes com a mensagem que se propõem a transmitir e terem sido criados seguindo as normas da língua. A palavra, definida como unidade lexical, pode ser considerada como o retrato de uma sociedade em seus diversos níveis de manifestação, pois, por ela e através dela, são representadas as mais variadas situações sociais e culturais.

Para Guilbert (1975, p. 92), o código da língua é propriedade de todos os membros da comunidade, que podem usufruir dele na criação de novas expressões, independentemente de serem cientistas, técnicos ou homens comuns. O ato de gerar novas palavras provém do desejo deliberado de um falante quer de criar uma forma neológica que lhe seja própria, em oposição à forma linguística existente no léxico, quer de criar um signo totalmente novo. Essa habilidade revela a criatividade e fantasia verbal do seu criador, podendo assumir as mais diversas feições: desde a gíria até o máximo requinte literário, como temos, por exemplo, em *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, a obra literária que revela, por excelência, uma capacidade inovadora do autor em produzir neologismos contextualizados.

Não obstante, no contexto literário, os neologismos serem propositais, não se pode desconsiderar que toda nova palavra criada, por qualquer falante que seja, contém, em si, o pensamento e a ideologia do grupo ao qual pertence. Para além da criatividade, compreende-se o neologismo, segundo Alves (2006, p. 132), como “uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade

lexical ou estrangeirismo recebido de outra língua”. Segundo a autora, a aceitabilidade ou não do neologismo é determinada pelo seu caráter linguístico, pois toda a criação lexical é sistematizada atendendo as normas do sistema da língua.

Muitas vezes a liberdade de criação de novas palavras vem acompanhada de um caráter lúdico, tendendo para o humorismo. O valor lúdico que adquirem advém da somatória de diversos elementos que, unidos em uma hábil manipulação, transmitem sentidos expressivos surpreendentes. No caso do comentarista de futebol – por meio televisivo ou radiofônico –, ele joga, acima de tudo, com o valor acústico da palavra, tendo em vista a transmissão oral da mensagem em tempo real. Para Alves,

o caráter lúdico em unidades do português brasileiro, mais comumente é observado em gêneros discursivos como o humorístico, o literário e o publicitário. No entanto, aspectos lúdicos podem ser observados em todos os gêneros discursivos e manifestar-se em todos os processos de formação de palavras (ALVES, 2014, p. 117).

A realização de um evento nas proporções da Copa do Mundo no Brasil é um espaço que se configura ideal para a criação de novos itens lexicais, pois o regozijo e a alegria pelo evento realizado dão lugar à ludicidade, sobretudo na elaboração de neologismos. Com certeza, muitos desses neologismos, criados no calor do momento, serão efêmeros, normalmente não se integrarão à língua, mas isso não importa. Podemos classificar esses neologismos momentâneos como neologismos casuais ou eventuais (KLAJN,1972), isto é, aqueles que aparecem no calor do momento, enriquecem um texto, dando um colorido especial à tessitura, mas que, após algumas semanas ou meses, desaparecem, são esquecidos, permanecendo apenas virtualmente ou na memória de algumas pessoas. Na sua elaboração, o importante é o ato da criação e a conotação

implícita que carrega, e que tem como objetivo aquele a quem o texto está dirigido: os interlocutores imaginados pelo autor do texto. O adjetivo lúdico, por si só, remete a algo agradável, prazeroso e é com esse conceito que o encontramos definido no Dicionário Houaiss:

Relativo a jogo ou brinquedo

1. que visa mais ao divertimento que a qualquer outro objetivo.
2. que se faz por gosto, sem outro objetivo que o próprio prazer de fazê-lo (HOUAISS, 2009)

Contudo, no dicionário italiano Treccani (2014), a definição se coaduna ainda mais com o que entendemos por lúdico: “toda a atividade brincalhona onde prevalece a livre elaboração da fantasia”¹ (TRECCANI, 2014). Ao criar um novo neologismo o criador brinca com a palavra e, com certeza, a sua imaginação evoca e realiza combinações novas, nas quais ninguém havia pensado antes, mas que são linguisticamente realizáveis.

2. Procedimentos metodológicos

O presente trabalho é consequência de uma investigação sobre os neologismos criados pelos jornalistas e comentaristas de futebol durante as semanas nas quais se desenrolou a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Muitos desses neologismos são passageiros, pois se referem a contextos específicos. Registrá-los, permaneçam ou não, é importante, pois, para Sablayrolles (2003, p. 224 *et seq.*), não interessa a origem dos neologismos ou como se formaram, quem os concebeu ou qual o seu tempo de uso; o que importa é que estão em relação direta com a evolução da língua em um momento determinado, exprimindo o pensamento da comunidade linguística que o criou.

¹ “Ogni attività giocosa in cui sia prevalente la libera elaborazione della fantasia.”

A recolha dos dados realizou-se entre os dias 10 de junho a 17 de julho de 2014, estendendo-se um pouco além do final da copa, pois com a consequente eliminação do Brasil, os comentários finais exibiram muitas criações neológicas interessantes. Para a elaboração do *corpus* nos apoiamos em três jornais e revistas on-line: *Gazeta do Povo* (jornal de Curitiba, doravante GP), *Globo* e *Globo Esporte* (doravante GE) e *Revista Veja* (doravante RV).

No *corpus* coletado encontramos cerca de 50 neologismos, muitos dos quais apresentam o caráter lúdico apontado por Alves, e podem ser compreendidos mediante o conhecimento de mundo tanto do leitor quanto do autor do texto. Nesse *corpus*, verificamos que os neologismos formados por composição ou por blocos de palavras – unidades plurilexicais nas quais dois ou mais itens se unem semântica, sintática e pragmaticamente (LEWIS, 2002) – são os mais frequentes. A seguir, aparecem as palavras-valise, isto é, os formados com a junção truncada de duas palavras. Também houve neologismos criados pelo processo de derivação, a maioria derivada por sufixação, sendo poucas as ocorrências onde se salienta a prefixação. Outras ocorrências são neologia semântica, empréstimos e estranhamento lexical.

Para os casos nos quais o processo neológico transcendeu os limites da unidade lexical, levamos em consideração a unidade fraseológica neológica, partindo do pressuposto de que o léxico também se organiza por blocos de palavras, de acordo com a Abordagem Lexicológica criada por Lewis (LEWIS, 2002).

Os neologismos encontrados foram analisados segundo o critério lexicográfico: foram utilizados dicionários de língua como instrumento de verificação do estatuto neológico das palavras encontradas. Portanto, para determinar o caráter neológico das unidades recolhidas, utilizamos como *corpus* de exclusão os dicionários Houaiss (2009) e Aulete Digital (2014).

É preciso reconhecer, contudo, a limitação de se utilizar somente esse critério. Apelidos, por exemplo, não costumam ser registrados nos dicionários gerais. Não obstante não estarem registrados, eles são convencionais; seu uso pode marcar uma época, são suscetíveis de cair em desuso e voltarem a ser utilizados posteriormente. Outras vezes, a neologia ocorre não numa palavra isolada, mas sim numa unidade fraseológica. Nesses casos, costuma não haver um registro abrangente e sistemático nas obras lexicográficas. Tendo isto em vista, as ocorrências de apelidos neológicos e de unidade fraseológica neológica são analisadas em subseções à parte.

3. Processos de formação dos neologismos lúdicos da copa de 2014

O processo lúdico nos neologismos da crônica esportiva, no nosso caso, é fruto da inventividade do comentarista de futebol, que une a imaginação a um fato ocorrido. A ludicidade surge, geralmente, da improvisação no decorrer da locução, dando uma força expressiva sem igual à sua narração futebolística. Partindo da classificação explicitada por Alves, reuniremos os neologismos conforme o processo de formação utilizado. Nos casos em que percebemos a ocorrência de mais de um processo, optamos por aquele que nos pareceu ser mais determinante para conferir à palavra seu caráter neológico.

3.1 Neologismo por bloco de palavra

Nesses casos, ao menos uma das palavras da unidade linguística já existe na língua e assim está registrada no dicionário, porém sua união formando um bloco é que é inédita. O bloco de palavras é uma unidade proposta pela Abordagem Lexical, a qual, segundo Seide e Durão,

[m]ostra que o princípio de arbitrariedade não atinge somente o signo linguístico, mas também a união

convencional das palavras conforme as colocações de cada língua (...) que sancionam determinados adjetivos para caracterizarem, por exemplo, um parente e outros para descreverem um amigo: “Enquanto um parente pode ser próximo, estar perto ou ser distante, um amigo pode ser chegado, mas não pode ser distante, nem estar perto, não obstante, um amigo chegado pode ser o seu melhor amigo”. (LEWIS, 2002, p.18 apud SEIDE, DURÃO, 2015, p.18) (tradução das autoras).

O termo *Neologismo por bloco de palavra* foi criado por nós para nomear uma categoria de processo neológico que atinge o nível fraseológico. A escolha pelo termo ‘bloco de palavras’ deveu-se ao fato de esta unidade abranger indistintamente vários tipos de unidades fraseológicas como as colocações, as coligações e as expressões idiomáticas, por exemplo, e de nos permitir a análise dos dados sem necessariamente distinguir entre si os diversos tipos de unidades fraseológicas, uma vez que a categoria chamada *bloco de palavras* por Lewis abrange unidades lexicais, locuções, colocações, expressões fixas e expressões semifixas: “os blocos [de palavras] são de tipos diferentes e quatro tipos básicos diferentes foram identificados.1. Palavras (...) 2. Colocações (...) 3. Expressões fixas (...) 4. Expressões semi-fixas” (LEWIS, 2002, p.8 a 12)².

Essa escolha também se deveu ao fato de compartilharmos o defendido por essa abordagem: “a Abordagem Lexical defende que uma língua consiste de blocos os quais, quando combinados, produzem, um texto coerente contínuo”³ (LEWIS, 2002, p. 7)

Cumpre lembrar que a existência de renovação de unidades fraseológicas fora apontada por Biderman, para quem “Às vezes o neologismo é uma lexia complexa (...) ou expressões idiomáticas: acabar em pizza, cair a ficha, (...)” (BIDERMAN, 2001, p. 206), e que também já foram feitas pesquisas específicas sobre as expressões idiomáticas tendo por base

² “The chunks are of different kinds and four different basic types are identified (...) 1. Words (...) 2. Collocations (...) 3. Fixed Expressions (...) 4. Semi-fixed Expressions (...)”.

³ “(...) The Lexical Approach argues that language consists of chunks which, when combined, produce continuous coherent text”.

para identificação o critério lexicográfico, como é o caso da pesquisa realizada por Riva (2012, p.313-331). Diferentemente dos resultados obtidos por Riva, não nos foi possível identificar os blocos de palavras neológicas mediante a utilização exclusiva do critério lexicográfico.

Um exemplo de bloco de palavras neológico encontrado no nosso *corpus* é <apagão coletivo>: “Aí então aquele gol de Müller trouxe o pânico, o <apagão coletivo> (RV, 09/07/14). Verifica-se a junção de um substantivo e um adjetivo, onde o substantivo base, ‘apagão’, o qual, como palavra isolada, é, ela mesma, um neologismo criado para significar a falta de energia elétrica, soma-se ao adjetivo *coletivo* formando um bloco lexical inédito, tendo em vista que, quando o neologismo *apagão* surgiu, a palavra era utilizada sem complementos ou adjuntos. A confluência dessas duas palavras, na Copa do Brasil, assume um novo sentido, o da perda de controle da Seleção, como se ela jogasse às escuras (após o gol recebido nos primeiros minutos do jogo contra a Alemanha). Outros exemplos são citados a seguir.

Derrota pornográfica – “Foi uma <derrota pornográfica>: o Brasil ficou de quatro e os alemães meteram sete”. (RV, 09/07/14). Aqui o significado é de ‘derrota vergonhosa’.

Golaço de peixinho – “O <golaço de peixinho> de Robin Van Persie foi o ponto glorioso de uma rodada [...] (RV, 18/06/14). Descreve o movimento de mergulho em direção à bola e a conseqüente cabeçada em direção à rede, marcando o gol. Em outros jornais do *corpus* encontramos <gol de peixinho>.

Grupos da morte – “Uma ou outra vez desejei empates para fugirmos de <“grupos da morte”>” (RV, 11/07/14, aspas do autor). Grupo de chave onde se encontram as seleções que são consideradas, no futebol, as mais fortes.

Estar com a mão na taça – “Foi ele quem disse que o Brasil estava com a <“mão na taça” >” (GP, 09/07/14, aspas do autor). Considerar a partida ganha, antes da decisão final.

Pane técnica, tática e emocional – “A Seleção voltou a sofrer uma <pane técnica, tática e emocional>, tomou dois gols em 16 minutos [...]” (GE, 12/07/14). Locução originada da terminologia da aviação e do automobilismo, quando há um problema mecânico, no caso aplicado à Seleção, significando a perda de controle. Encontramos no jornal GP o neologismo <pane geral>, indicando o mesmo sentido: “Dos 23 aos 29 minutos do primeiro tempo da semifinal de terça-feira, o Brasil sofreu uma <pane geral> e levou quatro gols” (GP, 10/07/14).

Sangue metafórico – “Como nada disso ocorre por diletantismo, mas é para valer, também ajuda na receita de um grande Mundial que algum <sangue metafórico> seja logo derramado [...]” (RV, 20/06/14). Relação com a colocação “derramar sangue” com sentido de uma dor muito grande e desesperadora. Para significar a perda de uma partida de seleções consideradas fortes e que sofrem goleadas de outras de menor potencialidade. O sentido mais amplo é de que precisará acontecer outro fato catastrófico (como a eliminação da Espanha pelo Chile no Maracanã) para ajudar na receita de um grande Mundial.

Percebe-se, nesses casos, que o espírito brincalhão do brasileiro também se faz presente. Jogar com a ludicidade em uma unidade fraseológica requer domínio da língua e propensão ao humorismo.

Nunca Dante na história deste país – “Em segundo lugar, porque <nunca Dante na história deste país> a seleção verde amarelona tomou uma goleada

como esta!” (Veja.com, 09/07/14). A expressão originalmente cunhada pelo ex-presidente Lula, “nunca antes na história deste país”, tornou-se um bloco de palavras alterado para resultar num trocadilho que joga com as palavras ‘dantes’ e ‘Dante’, poeta e escritor italiano. Ao colocar o nome do autor italiano, quer enfatizar o inferno pelo qual passou o time brasileiro, semelhante ao descrito na Divina Comédia.

Neymar não está para peixe – “Como diria o grande Nelson Rodrigues, o <Neymar não está para peixe>” (RV, 09/07/14). Espelhada na expressão “o mar não está para peixe”, constituindo-se como um trocadilho cuja significação é a de que o jogador não produziu gols, como seria esperado.

Bago pra frente – “Bola no Neymar e o chamado <bago pra frente>”. (GP, 09/07/14). Jogo de palavras com o dito popular “bola pra frente”, expressando a necessidade de seguir adiante, apesar das desventuras. O autor faz um trocadilho com as palavras ‘bago’ e ‘bola’, que no uso informal possuem o significado de testículo.

Neologismos por composição

São os mais ocorrentes, e são assim denominados por se comporem de uma ou mais palavras lexicais que, unidas, criam um significado diverso do seu original, como mostram os exemplos a seguir.

Bolsa-bola Alemanha – “Feito de couro sintético e batizado de <Bolsa-bola Alemanha>, o acessório custa 279 reais e ainda é um luxo fácil de ser adquirido pelos brasileiros. (RV, 14/07/14). Esse nome foi dado à bolsa vendida durante a Copa, que possuía o formato de bola com as cores da sSeleção da Alemanha. A

primeira pessoa a usar a bolsa-bola foi a Chanceler alemã Angela Merkel, na final da Copa vencida pela equipe daquele país.

Cai-cai – “E dizem que Neymar é <cai-cai>, mas ninguém fala que o Alexis Sánchez sofreu umas quinze faltas e se jogou numas doze”. Essa palavra é utilizada para caracterizar o jogador que se deixa cair voluntariamente para que seja marcada falta. Embora tenha sido considerado um neologismo conforme o critério lexicográfico, não se trata de uma palavra que passou a ser usada nessa copa, nem de palavra inédita no meio futebolístico. Em sua tese de doutorado, Matuda encontrou 12 ocorrências da palavra em *corpus* constituído por textos jornalísticos brasileiros publicados de 2006 a 2014 (MATUDA, 2015, p.234).

Mata-mata – “As frequentes prorrogações – já foram cinco neste <mata-mata> – indicam o nível de equilíbrio entre as seleções, acredita ele” (GP, 04/07/14). Neologismo semântico que na linguagem futebolística significa a disputa eliminatória entre dois adversários para decidir qual dos dois passará à próxima rodada. Nesse caso, como no anterior, trata-se de item lexical não registrado no Houaiss, se bem que seja bastante comum nos textos orais ou escritos dos comentaristas de futebol.

Patrão FIFA – “O bilionário estádio foi assim batizado não em homenagem ao grande Garrincha, mas em honra ao Zé Mané, o torcedor contribuinte, que pagou esta obra superfaturada <PATRÃO FIFA>” (RV, 26/06/14, caixa-alta do autor). O autor faz um jogo de palavras com ‘padrão’ x ‘patrão’, em referência às exigências da FIFA na construção dos estádios para a Copa do Mundo no Brasil.

Seleção verde amarelona – “Em segundo lugar, porque nunca Dante na história deste país a <seleção verde amarelona> tomou uma goleada como esta!” (RV, 09/07/14). Jogo de palavras com a gíria ‘amarelou’ que, na linguagem popular, significa ficar com medo, fugir das responsabilidades. No caso, usa o nome conhecido da seleção verde-amarela para significar que ela perdeu a coragem (e os gols).

Repórter-musa – “A caráter, <repórter-musa> torce para o México” (GE, 23/06/14). Neologismo utilizado para caracterizar a repórter mexicana Mariana Gonzalez pela sua profissão, aliada à beleza.

Outro tipo de neologismo por composição resulta da junção de uma ou mais unidades na língua vernácula somadas a uma estrangeira:

Gol de chip – “Dezesseis primeiros jogos tiveram 49 bolas na rede, estádios lotados, campeã humilhada e até <gol de “chip”>” (RV, 16/06/14, aspas do autor). Gol confirmado pelo chip existente na bola. Esse gol foi aceito pelo árbitro, na partida entre a França 3 X 0 Honduras, mas nem todos os árbitros aceitaram o gol confirmado pelo *chip*.

Neologia semântica

Bomba – “É uma <bomba> de nacionalismo no gramado e pulsando com bandeiras e cores nas arquibancadas” (GP, 23/06/14). Excesso de emoção demonstrado por diversas seleções quando da execução do hino nacional de seus países.

Bombardeio – “Foi ele o artífice do <bombardeio> alemão no primeiro tempo, cobrando com perfeição o escanteio em que Thomas Muller abriu o placar” (RV, 08/07/14). Por meio dessa palavra, o modo como o escanteio foi cobrado é comparado a um bombardeio. Em ambos os casos há um ataque maciço.

Brazuca – “Fifa e a Adidas apresentaram ontem a <Brazuca> Final Rio (foto), a bola que será utilizada na decisão da Copa do Mundo, dia 13 de julho, no Maracanã” (GP 30/05/14). Nome dado à bola oficial da Copa. Anteriormente a palavra só era usada para se referir, pejorativamente, aos brasileiros que moram em outro país.

Sonora – “Miroslav Marian Klose, o polonês naturalizado alemão, virou nesta terça-feira, após a <"sonora"> goleada por 7 a 1 da Alemanha [...], o maior artilheiro da história das Copas [...]” (GP, 08/07/14, aspas do autor). Significando uma intensa e estrondosa goleada, pode-se correlacionar esse sentido intensivo à existência do bloco de palavras “sonora gargalhada”.

Formação por afixo

Neologismos lúdicos também podem ser encontrados em formações sufixais e prefixais. Alves (2006, p. 135), baseada em Halliday, afirma que existe um *continuum* entre léxico e gramática, pois o léxico é um conjunto aberto e a gramática contém classes fechadas, as quais podem associar-se na produção de novas unidades neológicas. Para a autora, os afixos podem ser polissêmicos, assim como unidades lexicais podem ser gramaticalizadas. Evidenciamos no *corpus* coletado algumas formas com os sufixos:

-ismo: sufixo formador de nomes de doutrinas, sistemas filosóficos, econômicos, políticos, entre outros, significando 'seguidor da doutrina de'.

Zagallismo – “Foi tudo na base do <“zagallismo”> – agora professado, especialmente, por Parreira” (GP, 07/07/14, aspas do autor). Calcado em 'parreirismo', neologismo que define o discurso triunfalista do 'já ganhou', do ex-técnico da seleção Carlos Alberto Parreira. A doutrina de Zagallo assemelha-se, mas é mais incisiva: tudo dará certo porque temos a melhor seleção do mundo, simplesmente porque somos o Brasil.

-ete: define a relação de pertinência, dependência. Largamente utilizado nos meios televisivos:

Neymarzete – Eu sou <neymarzete>, com muito orgulho, com muito amooooor”, cantava um grupo de meninas que esperava pela seleção brasileira [...]” (GP, 24/07/14). Calcado na unidade lexical chacrete (dançarina que atua em programas televisivos). Sobre usos recentes do sufixo -ete, Alves (2010, p. 210) afirma: “Personagens do futebol brasileiro também têm suas admiradoras denominadas com o sufixo – etc.”. No contexto, fã do ídolo Neymar.

-inho/zinho: formador de substantivos diminutivos, de uso difuso na língua portuguesa. Em certos substantivos adquire uma conotação afetiva, como em mãe, mãezinha. No corpus foi utilizado na formação do apelido neológico.

Götzinho, cujo sentido e contextos estão descritos na subseção correspondente.

-ês: formador de gentílicos. Hoje é também utilizado para indicar neologismos de campos específicos, como economês, juridiquês etc.:

Luxemburguês – “Em nenhum momento esboçou um projeto de futebol – nem mesmo um “pojeto”, recorrendo ao <luxemburguês>”. (GP, 09/07/14). Com o sentido de falar a mesma língua, utilizar o mesmo estilo de fala de Vanderlei Luxemburgo, técnico de diversas equipes de futebol brasileiras.

-eiro: sufixo com grande produtividade no português e variável em seus diversos matizes semânticos; entre outros, a indicação de característica pessoal e de profissão. Ex.: mexeriqueiro, doleiro.

Cafeteiros – “Os <cafeteiros> fizeram uma campanha irretocável nas eliminatórias, terminando apenas 2 pontos atrás da Argentina e com a melhor defesa da competição” (RV, 13/06/14). Neologismo utilizado para especificar os jogadores da Colômbia.

-aço: sufixo com a acepção de ‘grande’, e também com sentido pejorativo, mas que atualmente denota algo de exageradamente bom ou bonito, como no caso de golaço, mulheraço etc. Encontramos um exemplo desse sufixo, mas como empréstimo do espanhol. Atualmente é muito produtivo, sendo utilizado para especificar grandes derrotas: mineirazo (especificando a derrota da Alemanha). Por exemplo, no jogo do Coritiba contra o Flamengo, no estádio Mané Garrincha, a goleada foi denominada “manezaço”, em referência ao estádio. Nota-se, já nessa formação, a adaptação morfológica à nossa língua.

Alemaniazo – “O “Marca”, da Espanha, que estampou “Alemaniazo”, em referência ao Maracanazo, durante a partida, mudou sua manchete para “Eterna desonra” após o fim do jogo” (GP, 08/07/14). Neologismo calcado em *maracanazo*, referindo-se à derrota da seleção brasileira frente à seleção alemã.

Maracanazo – “[...] a Colômbia confirmou seu ótimo momento e frustrou as chances de um novo <Maracanazo> uruguaio com um toque de classe de seu camisa dez” (RV, 28/06/14, *itálico do autor*). Na Copa do Mundo de 1951, no Maracanã, a nossa seleção perdeu a partida para o Paraguai, e foi cunhado, pela imprensa uruguaia, o neologismo *maracanazo*, o qual foi amplamente utilizado também no Brasil. A mesma formação volta a ser cunhada, desta vez pelo jornal *Marca da Espanha*, e adotada pelos jornais brasileiros, em referência à grande goleada infligida pelo time da Alemanha à seleção brasileira.

-ona – na origem, um sufixo aumentativo feminino, porém muito utilizado como intensificador.

Seleção verde amarelona – “Em segundo lugar, porque nunca Dante na história deste país a <seleção verde amarelona> tomou uma goleada como esta!” (Veja.com 09/07/14). Dado o contexto, é provável que o criador do neologismo tenha querido evocar o sentido conotativo que tem o verbo amarelar quando usado com o sentido de acovardar.

Truncação

Neologismos formam-se também em processos de truncação, que consiste na abreviação de uma palavra e na sua conseqüente junção formando uma nova palavra, como em “narcodependente”, no qual a palavra ‘narcótico’ está truncada e adicionada à palavra “dependente”, adquirindo o significado de pessoa que está sujeita ao uso de entorpecentes. Essa mesma formação encontra-se na lexia ‘narcotráfico’, já dicionarizada. Esse processo é denominado palavras-valise por Alves (1980), cruzamento morfológico por Henriques (2007) e cruzamento vocabular por Sandmann (1990). Esse autor

considera tal processo “um tipo de composição, distinguindo-se desta porque seus elementos formadores, todos ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico” (SANDMANN, 1990, p. 76). Entre os exemplos de truncação encontramos:

Flalemanha – “No último par de meses, a camisa <“Flalemanha”> superou as vendas da camisa 1 do clube carioca no Brasil, segundo a Adidas, patrocinadora das duas equipes” (RV, 11/07/14, aspas do autor). Supressão de parte da palavra ‘Flamengo’ mais a junção do nome ‘Alemanha’. Esse neologismo deriva do nome dado à camisa rubro-negra da Alemanha pela sua semelhança com a camisa oficial do time do Flamengo do Rio de Janeiro.

Fuleco – “Fuleco em pedaços: passageira é flagrada com carne de tatu” (GE, 10/07/14). Nome dado à mascote da Copa do Mundo no Brasil. A mascote é inspirada no tatu-bola *Tolypeutes tricinctus*, (L.), espécie em extinção, e que ao se sentir ameaçado se encolhe em forma de bola. O neologismo é formado pela truncação das palavras ‘futebol’ e ‘ecologia’ e foi criado pelo setor de marketing da Fifa (GE,25/11/2012).

Neologismos por empréstimos

Consiste no emprego de palavras de outra língua. É visto como não pertencente à língua vernácula, pois foge aos padrões de uso e não pertence ao acervo lexical do idioma. É diferente dos processos autóctones da língua, que obedecem às normas de produção linguística.

Persieing – “[...] chegaram a criar o verbo “persieing” para descrever o movimento do centroavante para marcar o gol de peixinho” (GP, 18/06/14,

aspas do autor). Verbo criado pelos internautas e registrado pelo jornal, para denominar literalmente o deslocamento feito por Robin van Persie, jogador da Alemanha ao fazer o gol. Nesse processo, também ocorre a transformação de nome próprio em nome comum.

Blitzkrieg – “A <blitzkrieg> alemã no primeiro tempo terminava com um saldo brutal: mesmo com menos tempo de posse de bola, 47% contra 53%, dez finalizações e 210 passes trocados” (Veja.com 10/07/2015). Empréstimo do alemão, usado para fazer referência ao ataque relâmpago da seleção alemã em cima da seleção canarinho, não dando chances aos jogadores brasileiros de reagirem.

Estranhamento lexical

O estranhamento lexical, conforme nosso entendimento, consiste num processo de criação lexical do ponto de vista da forma e não do significado. Assim, um neologismo formado por esse processo nos soa estranho, apesar de todos os elementos serem sentidos como pertencentes à nossa língua. No estranhamento, nota-se a adoção de uma forma alternativa à da grafia original que adquire conotação expressiva. No caso do neologismo *pojeto* há uma mimetização da fala de Luxemburgo.

Pojeto – “Em nenhum momento esboçou um projeto de futebol – nem mesmo um <“pojeto”>, recorrendo ao luxemburguês” (Gazeta do povo, 09/07/2015, aspas do autor). Ocorre aí a perda de uma consoante, para tornar a escrita mais próxima do modo como Luxemburgo fala, como foi explicado acima.

Fredeu geral – “<Fredeu geral!!!!>” (Veja.com 09/07/14). Nesse neologismo lúdico, existe o acréscimo de uma consoante causando o estranhamento, mas o sentido semântico é bastante compreensível, pois remete à expressão chula “fudeu geral”, usada com o significado de se dar mal em um empreendimento. O autor faz um trocadilho com o palavrão e o apelido do jogador da seleção brasileira Frederico C. Guedes, mais conhecido como Fred, que não teve uma boa atuação, a qual foi muito criticada pela torcida.

Demüllerdor – “[...] faz um trocadilho com o nome de Thomas Müller, artilheiro e autor do primeiro gol alemão na partida: <“Demüllerdor”>. (GE, 08/07/14, aspas do autor). Existe o trocadilho com o nome do jogador e a unidade lexical ‘demolidor’, “aquele que ou o que provoca demolição” (HOUAISS, 2009). O sufixo -or é utilizado, no contexto, para descrever a atuação de Thomas Müller, autor do primeiro gol da Alemanha, naquela que seria a maior derrota da sSeleção em uma Copa do Mundo. A expressão foi cunhada pelo jornal argentino *Olé*, e amplamente difundida pelos meios de comunicação brasileiros.

Malemale – “A troca de comissão técnica, por si só, não tem poder revolucionário, <malemale> é um ponto de partida (VEJA, 11/07/2014, aspas do autor). O criador modifica a conjunção adverbial ‘mal-e-mal’, reforçando o seu sentido pela eufonia resultante.

Apelidos neológicos

Laranja mecânica – “Dois dos gols da vitória da <Laranja Mecânica> foram marcados ainda na primeira etapa, por Van Persie [...]” (GP, 12/07/14). Apelido

dado à seleção holandesa na copa de 1974 em virtude de seu futebol acurado, harmonioso e eficiente. Não é descartada a possibilidade de haver dupla interpretação: a ligação com o uniforme, de cor laranja, somada à precisão com a qual jogava a equipe de Cruyft. O apelido foi reutilizado nesta copa.

Outros exemplos são os dos apelidos abaixo:

Equipe das quinas – “Se empatarem, a <equipe das quinas> estará automaticamente eliminada, independentemente do jogo contra Gana” (GP, 23/06/14, aspas do autor). Em referência à seleção portuguesa, cuja bandeira leva cinco escudos (quinas) das armas do País.

Tanques alemães – “Esperamos jogar a final com os <tanques alemães> contra os quais já pudemos (vencer) – disse relembrando a decisão do Mundial de 1986” (GE, 08/07/14). Referência metafórica ao poder bélico da Alemanha na 2ª. Guerra, aplicado à força da seleção alemã na derrota do Brasil.

Götzinho – “Götzinho veio ao Brasil pela primeira vez neste Mundial, mas sua relação com o país é antiga. Habilidade, ganhou o apelido de <Götzinho> logo que estreou como profissional [...]” (RV, 14/07/14, aspas do autor). Trata-se de um diminutivo carinhoso dado pela torcida ao jogador da seleção alemã Mario Götze, em virtude do seu bom futebol.

4. Considerações finais

Verificamos, nesta pesquisa, que, a todo o momento, criam-se formas neológicas na mídia e que o brasileiro tem essa propensão jocosa na criação de novas palavras, sobretudo em se tratando da área esportiva. Talvez a criação de tantos neologismos lúdicos na Copa de 2014 se deva ao fato de o Brasil ter

perdido vergonhosamente a taça tão almejada. Esse megaevento deu vazão a uma explosão de palavras com novas significações, a neologismos, talvez ocasionais, mas que refletem o caráter inventivo e lúdico dos usuários do idioma. Baseando-nos em Alves (2014), confirmamos que a criação de um neologismo lúdico se processa com a junção de elementos estranhos entre si que resvalam para a jocosidade, provocando estranheza. Os criadores dos neologismos verificados nesta pesquisa confirmam a grande capacidade de manipular a nossa língua, brincando e criando ludicamente novos neologismos. São, na realidade, pessoas que conhecem bem os mecanismos da sua arte: a de criar palavras.

Ao finalizarmos nossa pesquisa, chamaram-nos a atenção as ocorrências que não puderam ser totalmente analisadas adotando-se estritamente o critério lexicográfico: os apelidos neológicos, os casos em que a neologia incide não sobre a palavra em si, mas sim sobre blocos de palavras – expressões ou termos – já usuais no meio futebolístico, porém não registrados em obra lexicográfica. São resultados que aconselham a não utilização do critério lexicográfico como critério único para a identificação de neologismos.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo** – criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. In: **ALFA**. São Paulo, 50 (2): 2006, p. 131-144.

_____. O sufixo –ete no português brasileiro contemporâneo. In: **Acta et Linguística**. João Pessoa: Editora UFPB, v. 15, n. 1, 2010. p. 216-235. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/14658/8310>. Acesso em: 10 out. 2014.

_____. Neologia e ludicidade: a construção de compostos lúdicos no português brasileiro. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 7. 1. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014, v. 7, p. 117-128.

BIDERMANN, M. T. C. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AULETE. **Dicionário Aulete Digital**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 10. out. 2014.

CAMPOS, S. M. M. Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula. In: **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1. Uberlândia: Edufu, 2012, p. 1-12. Disponível em: http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_277.pdf. Acesso em: 15 ago. 2014.

GLOBO ESPORTE. **Mascote oficial da Copa do Mundo 2014**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/11/mascote-oficial-da-copa-do-mundo-de-2014-tatu-bola-ja-tem-nome-fuleco.html>. Acesso em: 2 jan. 2016.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

HENRIQUES, C. C. **Morfologia**. Rio de Janeiro, Campus, 2007.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua portuguesa**. 2009. CD Room.

KLAJN, I. **Influssi inglesi nella lingua italiana**. Firenze: Leo S. Olscki Editori, 1972.

LEWIS, M. **Implementing the lexical approach**. Putting theory into Practice. Boston, USA: Thompson Heinle Series. Language Teaching Publications, 2002, 224p.

MATUDA, S. **Futebóis**: uma análise do léxico do futebol em português brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da Linguística de Corpus. 2015. 332p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Departamento de Letras Modernas, FFLCH, USP.

MIGLIORINI, B. Una lingua in margine alla lingua. In: BALDINI, M. (org.). **Il linguaggio della pubblicità**. Le fantaparole. Roma: Armando, 2003.

RIVA, H. C. O levantamento de neologismos fraseológicos. In: **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia** vol.1. ORTIZ ALVARES, M. L. (org.). Campinas: Pontes, p. 313-354.

SABLAYROLLES, J.-F. La néologie en français contemporain. In: **Innovazione Lessicale e terminologie specialistiche**. ADAMO, G.; DELLA VALLE, V. (orgs.). Firenze: Leo S. Olschli Editore, 2003.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1990.

SEIDE, M. S.; DURÃO, A. A. B. A abordagem lexical no ensino de língua portuguesa. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 1, n. 1 jul./dez. 2015, p. 11-32. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/download/31541/17876. Acesso em: 21 nov. 2016.

TRECCANI. **Vocabolario Treccani**. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/>. Acesso em 10 set. 2014.

Recebido em janeiro de 2017.

Aprovado em fevereiro de 2017.